

O PARADOXO DE RUSSELL E O TEMPO LÓGICO DE LACAN: DO REAL AO IMAGINÁRIO EM UMA LINHA PARADOXAL

Edel Alexandre Silva Pontes
Instituto Federal de Alagoas - IFAL
edel.pontes@ifal.edu.br

RESUMO

Este artigo contempla três modelos observáveis: O Paradoxo de Russell, o Tempo Lógico de Lacan e o Tempo do Universo. Um Paradoxo é uma sentença supostamente verdadeira que induz a uma contradição lógica. O Tempo Lógico de Lacan parte de três momentos executáveis: o momento do ver, o momento do compreender, e o momento do concluir. O Tempo do Universo no plano real, sob a ótica do imaginário gera conjecturas temporais: quanto dura o presente? Ou se existe o passado e o futuro? Diante destes pressupostos, espera-se que essa discussão possa contribuir para outros estudos e pesquisas e nos leve a compreender os mistérios da existência humana.

Palavras-chave: Paradoxo de Russell, O Tempo Lógico de Lacan, O Tempo do Universo.

ABSTRACT

This article contemplates three observable models: Russell's Paradox, Lacan's Logical Time and the Time of the Universe. A Paradox is a supposedly true sentence that induces a logical contradiction. Lacan's Logical Time starts from three executable moments: the moment of seeing, the moment of understanding, and the moment of concluding. The Time of the Universe on the real plane, from the perspective of the imaginary generates temporal conjectures: how long does the present last? Or if there is the past and the future? Given these assumptions, it is hoped that this discussion can contribute to other studies and research and lead us to understand the mysteries of human existence.

Keywords: Russell's Paradox, The Logical Time of Lacan, The Time of the Universe.

1. INTRODUÇÃO

Nada e de repente uma explosão: a origem do universo foi um evento extraordinariamente imprescindível para a criação das coisas. “A origem das coisas sempre foi uma preocupação central da humanidade [...]. Mas a origem mais fundamental de todas parece ser a origem do universo como um todo – tudo o que existe” (Steiner, 2006, p.233).

A existência humana deve-se a esta explosão e conseqüentemente de todo o desenvolvimento da ciência e de suas relações, conjecturas, paradoxos e teorias. Diversos estudos são realizados periodicamente em busca de respostas para a origem do universo e da existência humana, através do tempo. Relações entre o real e o imaginário; o passado, presente e futuro; e o universo são elementos substanciais para compreendermos a criação do homem. Este artigo objetivou contemplar três modelos observáveis e relevantes para uma melhor compreensão destas relações: O Paradoxo de Russell, o Tempo Lógico de Lacan e o Tempo do Universo.

2. O PARADOXO DE BERTRAND RUSSELL

“O tempo que você gosta de perder não é tempo perdido”.

Bertrand Russell

Paradoxo, em sua etimologia, vem do latim *paradoxum* e do grego *paradoxos*. A palavra é composta do prefixo “para”, que quer dizer oposto de ou contrário a, combinada com o sufixo “*doxa*” que quer dizer opinião ou crença. O Paradoxo é uma proposição supostamente verdadeira que induz a uma contradição lógica, visível falta de nexos ou de lógica é o contrário do que se espera. Em muitos casos, o Paradoxo depende de uma sentença matemática, pelo fato de modelar a realidade descrita.

Existem vários tipos de Paradoxos, alguns verídicos outros falsídicos. Os Paradoxos verídicos, apesar de serem demonstrados como verdadeiros, apresentam resultados absurdos. Os Paradoxos falsídicos tanto os seus resultados e suas demonstrações mostram situações que parece ser falsa.

Um bom exemplo de Paradoxo é a frase dita pelo marido à esposa: “Eu estou mentindo”. Observe que se o marido estiver de fato mentindo, então a frase é verdadeira, deste modo, o marido não está mentindo. Se o marido não estiver mentindo, então a frase dita pelo marido é falsa, em consequência, o marido está mentindo. Daí, a frase é verdadeira ou falsa?

Outro exemplo bastante interessante é o chamado Paradoxo do Barbeiro criado por Bertrand Arthur William Russell. O Paradoxo do barbeiro é um quebra-cabeça que se apresenta em um cenário que se pode aceitar como verdadeiro, porém é logicamente impossível. O Paradoxo do barbeiro apresenta uma situação que ocorre em uma cidade

com leis bastante rigorosa para homens, quanto ao uso da barba, a regra diz que todo homem é obrigado a se barbear todos os dias, mas não precisa fazer a própria barba. Ora, existe um único barbeiro na cidade, daí surge à questão paradoxal: quem barbeia o barbeiro? Esta indagação leva a um Paradoxo, pois o barbeiro pode ser barbeado por ele mesmo ou pelo barbeiro, que passa ser ele mesmo.

Bertrand Russell (1872-1970) nasceu na cidade de Ravenscroft, no País de Gales, foi um dos mais importantes filósofos e matemático do século XX. Dos diversos prêmios que recebeu em sua longa caminhada, destaca-se o Nobel em Literatura, em 1950.

Em 1903, Bertrand Russell publicou em seu livro **Principles of Mathematics** um dos seus trabalhos chamado o Paradoxo de Russell, descoberto em 1901. A ideia era criar uma base lógica simbólica para toda a matemática e o Paradoxo de Russell serviu como elo para as primeiras formalizações dos fundamentos da matemática, usado na teoria dos conjuntos, em algumas concepções filosóficas e em diversos campos da computação. A grande questão é: pode um conjunto ser elemento de si mesmo?

Um conjunto é uma coleção de objetos. Os objetos desse conjunto são chamados de elementos. Deste modo, os conjuntos podem ser divididos em duas categorias:

- a. Existe o conjunto dos conjuntos que são elementos de si mesmos, por exemplo, o conjunto de pensamentos, é um pensamento.
- b. Existe o conjunto dos conjuntos que não são elementos de si mesmos, por exemplo, o conjunto de abelhas, não é uma abelha.

Considere $A = \{X/X \notin X\}$ o conjunto que contém todos os conjuntos que não possuam a si próprios como elementos, onde X é um conjunto abstrato. Desta forma, temos dois casos para analisar:

- a. O conjunto A não pertence a si próprio, isto é, A não faz parte da coleção de conjuntos que contém a si próprios. Percebe-se uma contradição: Se A não contém a si próprio, então A contém a si próprio.
- b. O conjunto A pertence a si próprio, isto é, A faz parte da coleção de conjuntos que não contém a si próprios. Observa-se uma contradição: Se A contém a si próprio, então A não contém a si próprio.

Conclui-se que o conjunto A não pode possuir outros conjuntos, isto é $A = \emptyset$. Este é o Paradoxo de Russell, a resposta afirmativa leva a negação, e vice-versa e que mostra existir algo tendencioso ao formar conjuntos de conjuntos.

3. O TEMPO LÓGICO SEGUNDO JACQUES LACAN

“Você pode saber o que disse, mas nunca o que outro escutou”.
Jacques Lacan

Jacques Marie Émile Lacan (1901-1981) nasceu em Paris, na França, psicanalista e médico psiquiatra. Foi um dos principais nomes do estudo da psicanálise voltado para os postulados de Freud. Criou o Lacanismo onde define sua visão filosófica e científica da psicanálise. Após a Segunda Grande Guerra, Lacan apresenta uma proposta para o tempo lógico.

O conceito de tempo lógico para Lacan é realizado em três momentos: o momento do ver, o momento do compreender, e o momento do concluir. Um teste, chamado sofisma da liberdade de um prisioneiro, foi apresentado por Lacan para definir o conceito do tempo lógico.

Sofisma da liberdade de um prisioneiro (Coelho, 2006): Um diretor de um presídio propôs a três prisioneiros um desafio, em troca da liberdade a quem pudesse responder o teste (explicando a ideia lógica que levou ao resultado) e, desta forma, sair pela porta da frente do presídio. A proposta do Diretor foi apresentar cinco discos, três brancos e dois pretos, que seriam fixados nas costas de cada prisioneiro, sem que pudessem observar a cor. Os prisioneiros não poderiam se comunicar, apenas poderiam se olhar. Este teste pode ser respondido em três situações lógicas:

Situação 1: Percebe-se que se um dos prisioneiros vê dois discos pretos nas costas dos outros dois, conseqüentemente, ele deduz que o seu é branco e sai.

Situação 2: De outra forma, se um dos prisioneiros vê um disco preto e um disco branco, em cada uma das costas dos outros prisioneiros, ele deduz que se fosse o prisioneiro que é branco e visse dois pretos, ele sairia. Porém ele não saiu, portanto ele deduz que é branco e sai.

Situação 3: E, finalmente, Se um dos prisioneiros vê dois brancos, ele deduz que: se ele for preto, os outros prisioneiros estão vendo um preto e um branco. Se ele é preto o outro é branco (um dos dois outros) vê dois pretos. Daí cada um deduz que são brancos e saem. Mas, como não agiram desta forma, o prisioneiro deduz que é branco e sai.

Partindo desta conjectura, Lacan definiu o tempo lógico em três momentos:

a. Momento do ver: Este é o primeiro momento. Cada prisioneiro vê tudo que está fora de si. Vê todos os outros, porém não sabe quem ele é: branco ou preto? Este momento é bastante intuitivo e requer um raciocínio mais apurado.

b. Momento do Compreender: Neste segundo momento, os prisioneiros conseguem conjecturar se é branco ou preto, porém sem uma real convicção, em consequência, eles desconfiam e voltam a se olhar. Este momento é de deliberação e o pensamento se torna mais consciente em busca da solução desejada.

c. Momento do concluir: Diante da incerteza da decisão dos três prisioneiros, tomados pela mesma dúvida, houve uma precipitação do terceiro momento. Conclui-se que nenhum deles estava com um disco preto. Este momento deve-se a uma tomada de decisão racional.

4. O TEMPO NO UNIVERSO - O REAL E O IMAGINÁRIO

“O Paradoxo fundamental do universo, aquele que inclui as galáxias e as antigaláxias, ser ele pensamento que a si próprio se pensa; para provar mais: que não tem sujeito pensador”.

Agostinho da Silva

Diversos questionamentos são discutidos sobre temas relacionados com o universo, o passado, o presente e o futuro, o real e o imaginário.

Uma das indagações do plano real, sob a ótica do imaginário, é saber o quanto dura o presente? Ou se existe o passado e o futuro? Observa-se do ponto de vista do universo, que o passado e o futuro não pertencem a nenhum momento do presente. É possível mensurar o intervalo de tempo do presente? Percebe-se que seja qual for o espaço tempo que se conceba ao presente, é possível dividir este intervalo de tempo em partes do passado, do presente e do futuro.

Se o presente é um milésimo de segundo t_1 , este t_1 pode ser decomposto em três partes: P_1 é a parte do passado, P_2 é a parte do presente e P_3 é a terceira parte do futuro, tal que $t_1 = P_1 + P_2 + P_3$. Nota-se, que esta terceira parte P_3 , de um milésimo de segundo, que é neste momento o presente, pode ser novamente dividido em três partes:

$Q_1 = \frac{P_3}{3}$, o tempo passado, $Q_2 = \frac{P_3}{3}$, o tempo presente e $Q_3 = \frac{P_3}{3}$, o tempo futuro. E assim sucessivamente. Conclui-se que nem o presente, nem o passado e nem o futuro pode existir verdadeiramente, pois não ocupa um intervalo de tempo. Daí pode-se afirmar que o tempo não existe. Um Paradoxo do tempo!

E o Universo? “A ciência conclui que o Universo não é eterno, mas que foi criado a partir do nada em um momento preciso no passado longínquo” (Souza, 2013, p.15). Para tudo que é infinito definimos como Real Absoluto, como por exemplo, as leis do universo, seus fenômenos e relações. Para tudo que é finito denotamos como Real Relativo, por exemplo, os problemas da vida e da existência. Diante deste modelo, o universo ao mesmo tempo existe e não existe. O conjunto de todos os universos absolutos é o universo e o conjunto de todos os universos relativos não é o universo. O Paradoxo do Universo!

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Diante da vastidão do tempo e da imensidão do universo, é um imenso prazer para mim dividir um planeta e uma época com você.”
Carl Sagan

Diante de todos estes pressupostos defrontamos com a possibilidade de aproximar e correlacionar o Real e o Imaginário. A existência do real está definida por si mesmo, evadir-se a nossa ambição e a nossa autoridade.

Os Paradoxos, o Tempo Lógico e o Tempo do Universo nos levam a questionar a verdadeira proposta da existência de um modelo real, através da ótica do imaginário. O real não condiz à realidade, nem sempre a imagem que observamos em frente a um espelho é a mesma imagem que os outros têm sobre nós. Cada indivíduo consegue conjecturar sobre o seu Eu e o Eu do outro - um paradoxo universal. Ver, compreender e concluir são atitudes imprescindíveis para tomarmos decisões racionais em busca do entendimento da existência do ser e da compreensão dos mistérios do universo.

Este trabalho justifica-se no intuito de provocar outros pesquisadores a compreender modelos da natureza e tomar decisões racionais sobre possíveis conjecturas e paradoxos que possam se apresentar nestes estudos. A compreensão da ciência e seus fenômenos são como um jogo de estratégias, e se faz necessário definir todas as possíveis hipóteses e relações de modo a encontrarmos resultados plausíveis e reais.

REFERÊNCIAS

Araújo, Fabíola Menezes de. (2016). O tempo em Lacan. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 19 (1), 103-114.

Bassani, D. A. (2007), Uma análise construtivista de alguns paradoxos. *Tempo da Ciência*, 14(28), 165-177.

Coelho, Sonia (2006). O Tempo Lógico de Lacan. Disponível em: < http://www.interseccaopsicanalitica.com.br/wp-content/uploads/2014/01/sonia_coelho_tempo_logico_lacan_upld_4.pdf> Acesso em: 29 de agosto de 2018.

Souza, J. A. (2013). A origem do universo: O que de fato importa Saber. *REVISTA DE TEOLOGIA (RevEleTeo)*. ISSN 2177-952x, 7(11), 12-20. Disponível em: < <https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleteo/article/view/15686> >. Acesso em: 10 de Agosto de 2018.

Steiner, J. E. A origem do universo e do homem. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ea/v20n58/20.pdf> >. Acesso em: 10 de agosto de 2018.